Transições no Chile | Jeferson Miola

16/11/2021

> *"Mucho más temprano que tarde, de nuevo se abrirán las grandes alamedas por donde pase el hombre libre, para construir una sociedad mejor".*
> ***Último discurso de Salvador Allende no Palácio de la Moneda, 11 de setembro de 1973.***

Como palco de processos políticos, sociais e institucionais bastante originais, o Chile aporta referências fundamentais para as lutas e resistências antineoliberais no nosso hemisfério.

Como escreveu Emir Sader, "***o Chile retoma seu caráter de laboratório de experiências políticas na América Latina***"; afigura-se como referência contra-hegemônica para a construção de alternativas anti-neoliberais.

A nova Constituição do país está sendo escrita no marco de uma **Assembleia Constituinte exclusiva**, eleita com paridade de gênero, com representação dos povos indígenas e maioria de 2/3 composta por representantes e lideranças do campo democrático-popular. O prazo para concluir seus trabalhos é outubro de 2022.

Em paralelo à Constituinte se desenrola a eleição presidencial. O 1º turno será no próximo 21 de novembro e o 2º em 19 de dezembro.

E, em meio à Constituinte e à eleição, os deputados do país aprovaram a abertura de processo de *impeachment* do presidente Sebastián Piñera que, todavia, tem reduzidas chances de ser aprovado pelo Senado controlado por uma maioria governista.

A dinâmica política e social em curso – cujos desdobramentos, ainda que muito promissores, são incertos –, abre caminho para a possibilidade de o Chile iniciar duas transições:

[i] a transição da institucionalidade pinochetista-autoritária ainda vigente desde o fim formal da ditadura sanguinária para um arcabouço legal republicano-democrático, de direitos sociais e democracia participativa; e

[ii] a transição do ultraliberalismo imposto pioneiramente no Chile por Washington durante a ditatura Pinochet para um Estado fortalecido, plurinacional, desmercantilizado, provedor de educação e saúde públicas, com justiça social e assentado no "*buen vivir*".

As revoltas estudantis que sacudiram o país em meados da primeira década deste século em diante foram, em grande medida, o prenúncio da recomposição política que o país vive hoje.

As lideranças juvenis e estudantis forjadas no contexto daquelas revoltas hoje estão no centro da luta de classes no país, como é o caso de Gabriel Boric, candidato presidencial pelo agrupamento Frente Ampla – espaço plural que aglutina distintas organizações, representações e movimentos da esquerda chilena.

Nem mesmo os protagonistas diretos daqueles acontecimentos tinham consciência acerca do impulso que estavam dando para a dinâmica vigorosa que viria a acontecer num futuro que se mostrou mais perto que distante.

Houve não só uma renovação geracional, mas também uma revolução política e organizativa da esquerda e do progressismo chileno. Estas lideranças emergentes sobrepujaram os partidos e as estruturas tradicionais e obtiveram maior respaldo popular.

Desde o restabelecimento da rotina eleitoral no Chile em 1990, a eleição deste ano representa a primeira possibilidade concreta e real de eleição de uma plataforma anti-neoliberal para governar o país. E tendo a favor a força do processo constituinte, que se encaminha para assentar as bases legais e institucionais da perspectiva pós-neoliberal que poderá se tornar realidade com a eleição do governo da Frente Ampla.

A ativista feminista Soledad Parada, que até o último dia do governo Allende foi assessora presidencial de políticas para as mulheres, enxerga semelhanças entre a geração da qual ela fez parte, e a geração de lideranças de esquerda que hoje encabeçam o processo político.

Na visão dela, estas duas gerações coincidem na combatividade, na radicalidade e, sobretudo, por serem constituídas por militantes que *não têm medo* de lutar e combater pelos ideais de democracia, justiça e igualdade.

Os chilenos desconfiam das pesquisas eleitorais. Não é para menos, justificam, porque os prognósticos feitos por diferentes empresas pesquisadoras não raramente discrepam – e muito – dos resultados oficiais das urnas.

Os levantamentos publicados recentemente [a legislação chilena proíbe pesquisas nos 15 dias prévios à votação] sobre o 1º turno alternam prognósticos favoráveis tanto a Gabriel Boric como a José Antonio Kast, político da extrema-direita fascista que defende a ditadura Pinochet e idolatra Trump e Bolsonaro. Kast é filho de um ex-soldado nazista e irmão do ex-ministro de Pinochet Miguel Kast, um *Chicago Boy* contemporâneo do ministro bolsonarista Paulo Guedes.

Já em relação ao 2º turno a convergência de prognósticos é maior, indicando a vitória de Gabriel Boric. Ele tende a se beneficiar majoritariamente da transferência de votos de Yasna Provoste, ex-Concertación, além, claro, da intensa dinâmica social em curso.

As atenções latino-americanas estão voltadas para o Chile – país que, apesar de isolado com seu território longilíneo prensado entre a Cordilheira dos Andes e o oceano Pacífico, funciona como uma prodigiosa usina de experimentos democráticos, populares e decoloniais.

Quase 50 anos depois do golpe financiado e executado pelos EUA para interromper a via da *transição democrática ao socialismo* do presidente Allende, a esquerda chilena recupera força hegemônica e poder político para enterrar os escombros do pinochetismo e sua mais nefasta obra, o neoliberalismo.

- ***Jeferson Miola*** é analista político
- Publicação original: Blog do Jeferson Miola



Compartilhe nas redes: